

Senado cansou de clima de inquisição

Dispostos a retomar a pauta e a rotina, parlamentares dão sinais de que Jader Barbalho será o último a ser investigado

ANA MARIA CAMPOS

BRASÍLIA— Em pouco mais de dois anos, o Senado Federal presenciou cenas pouco comuns para um plenário que parecia ser frequentado por “imortais”. Desde a CPI do Judiciário, foram duas renúncias, uma cassação e, nos próximos dias, outro provável discurso de adeus.

Apesar de seus integrantes admitirem a necessidade do que chamam de “faxina”, o Senado cansou. E os parlamentares começam a dar sinais de que o caso do senador Jader Barbalho (PMDB-PA) encerrará a lista de investigações e processos no Conselho de Ética. Pelo menos até a próxima legislatura.

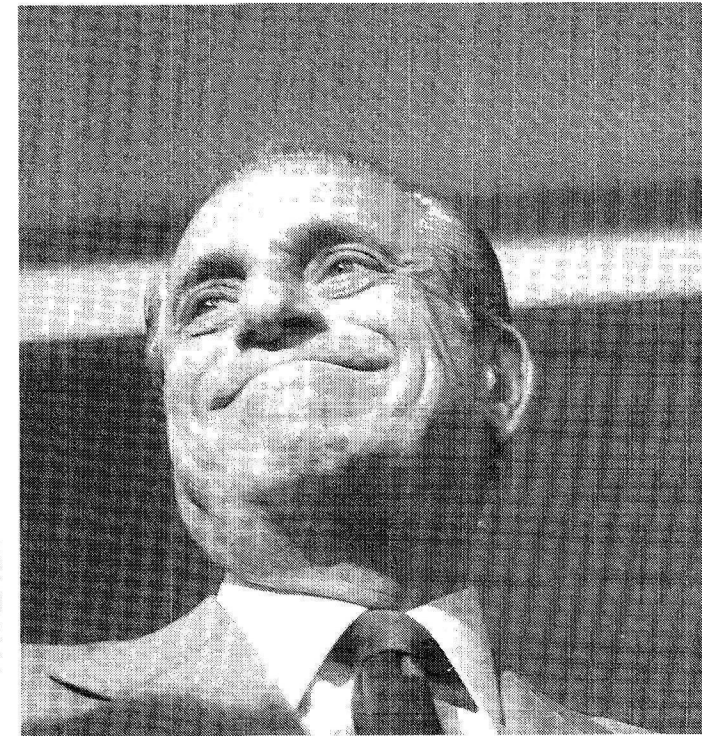
Essa exaustão, que passa por governistas e oposicionistas, vai beneficiar alguns colegas encenados com denúncias. Neste mês, por exemplo, o Conselho de Ética arquivou representações contra dois senadores. Mas existe muito mais gente enrolada.

Alívio — José Eduardo Dutra (PT) livrou-se definitivamente de ser investigado no suposto envolvimento no episódio da violação do painel do Senado, que resultou na renúncia dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF). A denúncia havia sido apresentada por Geraldo Althoff (PFL-SC) e poderia render dores de cabeça ao senador petista.

O ex-ministro da Integração Nacional, senador Fernando Bezerra (PTB-RN) também escapou de investigação. Na mesma semana em que arquivou o caso Dutra, o Conselho de Ética engavetou uma representação contra ele. Bezerra era acusado de desvios de recursos da extinta Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que envolveriam a empresa Metasa, da qual foi sócio.

O senador brasileiro Valmir Amaral (PMDB-DF) também respira aliviado. Suplente do senador Luiz Estevão, cassado pelo sua suposta participação no desvio de recursos do Fórum Trabalhista de São Paulo, Amaral está na lista dos absolvidos previamente. No último dia 5, uma comissão de sindicância, depois de menos de uma semana de apuração, concluiu que não era possível provar que o senador contratara com a verba de seu gabinete dez funcionários que trabalham nas suas empresas privadas. O presidente do Conselho de Ética, senador Juvêncio da Fonseca (PMDB/MS), dá o tom de sua disposição em encerrar o clima de inquisição. “Daqui para a frente só vamos investigar casos ocorridos na Casa, que signifiquem quebra de decoro parlamentar”, adianta. “Não podemos transformar o Senado em delegacia de Polícia”.

O presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS) reuniu-se duas vezes na semana passada com o presidente da Câmara, Aécio Neves (PSDB-MG), para acertar um calendário de votações. Discussões polêmicas, entretanto, tomarão um ritmo lento. Em 2003, o Senado vai renovar dois terços de seus membros. Por isso, os próximos dois próximos meses antes do recesso parlamentar vão ser pautados pelas articulações políticas. Em 2002, os senadores estarão muito mais preocupados com os seus estados e com o corpo-a-corpo nos seus estados, sem contar com a ajuda de palanque aos candidatos à sucessão presidencial. “Essa legislatura já acabou. Todas as discussões terão como pano de fundo as eleições de 2002”, sentencia o líder da oposição, senador José Eduardo Dutra.



Fotos de arquivo

Jefferson Péres virou referência no Senado, enquanto Tebet foi alçado a ministro e acabou eleito presidente do Congresso